



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

OBSERVAÇÃO E EMERGÊNCIA (DIÁLOGO COM GILLES DELEUZE)

Pedro Ramos Dolabela Chagas**
(UESB)

RESUMO

O artigo expõe a palavra “emergência” ao pensamento de Gilles Deleuze, para que ambos “venham à fala” neste encontro. O objetivo é o de produzir visibilidade sobre um e outro, ou seja: buscar o que “emergência” diz sobre Deleuze, assim como o modo com que Deleuze faz aquele termo ressonar. O texto é dividido em tópicos abordados telegraficamente, problemas seriados (mas interconectados) que em conjunto configuram o curso pelo qual essa tal relação é apresentada. Do conteúdo debatido, depreendem-se questões éticas e epistemológicas concernentes à nossa relação com a novidade e a diferenciação.

PALAVRAS-CHAVE: emergência; Gilles Deleuze; observação.

INTRODUÇÃO

A palavra “emergência” não faz parte do vocabulário de Gilles Deleuze. Em sua acepção científica, o termo vem sendo usado para descrever processos em que a disposição simultânea do diverso dá origem ao novo, ou em que a continuidade do mesmo produz o novo mediante a ação do tempo, ou em que a diferença surge a partir da interação elementos que não coincidem essencialmente com o elemento formado. Três possibilidades, então: na primeira delas, a interação simultânea de

** Prof. Dr. Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenador do projeto “Memória, romances brasileiro, latino-americano e norte-americano em perspectiva comparada”. Email: dolabelachagas@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

elementos diversos, caoticamente distribuídos, recebe, de súbito, uma organização – e foi assim que uma série de acontecimentos dispersos, diferentes entre si, mas interconectados, receberam de repente uma coesão imprevista com a tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, na eclosão da Revolução Francesa. Na segunda possibilidade, a continuidade do mesmo produz o novo mediante a ação do tempo: é como se no casamento em que duas pessoas se vêm todos os dias, e todos os dias são iguais assim como elas são iguais uma para a outra – mas após um período dilatado elas percebem que, pela ação reiterada do tempo, elas se modificaram nesse processo, e já não são mais o que eram antes. Na terceira possibilidade, o evento emerge da interação elementos que dele se distinguem ontologicamente – como os cardumes, os enxames e as revoadas de pássaros, cujas propriedades coletivas (cujo comportamento coletivo) não pode ser deduzido das propriedades individuais de cada um dos indivíduos: não há nada, no pássaro, que possibilite prever o seu comportamento na revoada, as propriedades do todo emergindo da interação entre partes cujas propriedades dele se distinguem, essencialmente. Mas o nome de Deleuze foi anunciado – então falemos dele, em tópicos seriados e distribuídos telegraficamente.

De imediato, Deleuze nos inspira ao recusar a fenomenologia: não existe “agente” em seu pensamento, tal como não existe “alguém” a organizar a revoada dos pássaros, tal como a Queda da Bastilha não foi planejada por um “líder”, tal como as transformações nas relações pessoais não são “coordenadas” por ninguém. O desafio que ele se colocou foi o de pensar aquilo que surge, aquilo que emerge, e que deve ser pensado em seus modos próprios de acontecimento – que não obedecem ao controle de alguma agência ou de algum poder. Há quem fale das dificuldades da sua filosofia em teorizar o fenômeno da gênese, mas terá alguma outra sido tão rica ao pensar a diferenciação do contínuo a partir do próprio contínuo?



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

No mais, um esclarecimento inicial: os cinco fragmentos a seguir são todos uma única e mesma coisa. Pensamo-nos como variações: variações do mesmo.

O novo

Emergência não é criação. Não importa a sua origem; a rigor, ela será sempre de difícil identificação. Se a origem é o “ponto zero” no qual um fato se constituiu, na emergência ela pode subsistir como “idéia”, pois muitas vezes pode-se no máximo especular sobre ela – onde ela atua como uma atribuição ou teoria elaborada a posteriori, tendo uma relação apenas aproximativa com a emergência em seu acontecimento singular.

Isso nos permite apreciar a peculiaridade temporal da emergência: mesmo nova, ela já estava virtualmente articulada como possibilidade. Ela não é um dado, um “feito” ou uma ação imprimida sobre um certo estado de coisas por um ato (exterior) de vontade, mas sim a materialização de encontros entre elementos disponíveis no próprio estado de coisas, dentro da configuração (do arranjo de seus elementos internos) que lhe é própria – materialização única, irrepitível, porém desde sempre virtualmente possível.

Em sua pletera de elementos, uma situação nunca é estática. Quando Deleuze descreve um “plano de imanência”, ele tem em mente uma totalidade existente de fato, mas cujos elementos estabelecem entre si conexões que escapam ao discernimento do observador, tornando-se invisíveis – na sua formulação paradoxal, é como se o “plano” fosse uma totalidade organizada virtualmente, ainda que concreta. A organização virtual entre os elementos que compõem a situação é atuante não enquanto realidade de fato, mas como o campo de possibilidades de autodiferenciação do real: e como a autodiferenciação



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

(autotransformação) do real é permanente e contínua, o virtual (as relações entre os seus elementos) é a todo instante atualizada.

Tal “atualização” corresponde à própria “vida” do sistema, i.e. à transformação contínua daquilo que existe: não-planejada, intencionada ou pensada, a diferenciação resulta da movimentação permanente dos estratos que compõem o real. Tem-se aí um rol infinito de possibilidades de formação de acontecimentos – infinito apesar de estar sempre, em cada caso, demarcado pelas disposições imanentes ao plano. Um certo plano (que pode ser: o Estado, um país, ou um cidadão deste país; o Cinema, um filme, ou um espectador do filme; o Jogo, uma partida, ou um jogador; podem variar tanto a escala quanto a tópica), formado por uma quantidade indiscernível de elementos em permanente movimento – que são também afetados por elementos externos –, terá seus sucessos determinados pelos elementos que o constituem, na dinâmica dos seus choques e entrecruzamentos, que são determinados pela lógica da contingência. Do empírico, não há portanto como saber o que virá, mesmo que tudo que venha a ser esteja determinado pelas suas disposições imanentes. É por isso que a emergência é antes um modo ou maneira: é um arranjo imprevisto do dado que, porém, não reafirma o dado, levando-o a se reconfigurar.

Fonte de reconfiguração do existente, a emergência é nova, e radicalmente. É tão nova e preexistente quanto os aviões mergulhando nos arranha-céus em 11/09/2001: fato gigantesco, estarrecedor, mas que entretanto não nos impediu, quase em seguida, de conferir-lhe uma coerência forte, uma quase-necessidade (aquilo não foi de certa forma “natural”?, “como é que algo assim não ocorrera antes”?). No instante seguinte ao seu acontecimento, ainda que absolutamente nova, a emergência desvela a sua plausibilidade – que há muito já estava lá, pois os EUA não teriam que ser atacados algum dia?; e não teria que ser daquele modo, dada a insanidade de um confronto militar direto?; e não teria que vir da periferia,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

já que os países do centro têm tudo a perder? Nova, a emergência é, contudo, mais do que (evidentemente) possível – ela é quase-imediatamente plausível.

Vem falir, então, o discurso que defende para a arte o colocar-se como diferença intencionada, ou como produção programática da diferença. A “novidade” costuma trazer embutida a chave hermenêutica para a sua própria interpretação, ao passo que o novo se institui apenas mediante a sua própria emergência. Diante disso, as poéticas da negatividade se mostram meros – e dispensáveis – instrumentos de legitimação...

Percepção

Necessariamente, a emergência é percebida, porém não necessariamente observada como tal: ela não é forçosamente pensada como emergência, mesmo que seu impacto já se faça notar. De fato, mesmo que o colapso da Europa soviética fosse há muito um fato consumado, a “queda do Muro” foi uma surpresa: não tivemos a sensação de que “tudo se passou muito rápido”?...

É que não estávamos lá. Em Leningrado-Budapeste-Varsóvia, a coisa começou com uma falta de pão, um racionamento de energia elétrica, a repressão violenta a uma greve... É o caso da emergência lenta, quase sempre percebida por muito poucos. É claro que o fato, a novidade, o acontecimento (uma proclamação, um embate, uma guerra) serão sempre os marcos de uma mudança maior de percepção – mas não poderíamos pensar que tal mudança já estava em curso, porém vagarosamente e, acima de tudo, não-racionalizada, talvez nem mesmo intuída? Não estamos falando aqui da percepção “indiciária”, a soma dos inúmeros pequenos detalhes de uma coisa que aponta para uma síntese maior. Não há nada de indiciário na percepção da emergência lenta: ela é algo que, nalgum dado momento, nos atingirá inesperadamente. A sua percepção está ligada a afetos ou



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sensações que deslocam não a nossa compreensão ou entendimento do todo, mas a nossa relação com ele. Paulatinamente, os modos se tornam outros. São os risos, os olhares, as piadas, as pequenas reações cotidianas – nada daquilo que mais tarde será incorporado aos livros, às teses, às dissertações... –, são aqueles os elementos que antecipam um golpe de Estado (os elementos a provar que, mesmo quando de nada se sabia, tudo já estava lá). Mas isso só acontece dessa maneira para aqueles que vivenciam fisicamente o desenrolar da emergência lenta; para os demais, o século XX legou Lênin e o Titanic, metáforas da revolução e da derrocada repentinas.

Quando a afecção dá lugar à intelecção, a rigor a emergência já não é mais ela mesma. Ela terá ocasionado um movimento que lhe é heterogêneo (o do debate), mas que pode, também ele, ocasionar uma nova emergência – tem-se aí a emergência como força propulsora do pensamento. Da Revolução Francesa a Kant e a Coleridge, de Stalingrado ao Drummond de A rosa do povo, de 1968 ao Thomas Pynchon de O arco-íris da gravidade, a emergência produziu novas emergências. Deleuze pede que estejamos “à altura do acontecimento”: diante dele, o pior que podemos fazer é esmagá-lo com o já-sabido. Não amordaçar a emergência com a interpretação, mas sim procurar senti-la: é como a arte, que não precisa “fazer pensar” para produzir a diferença, e que o faz de maneiras nunca previstas (e muito menos controladas) por ela mesma: da emergência-arte à emergência-efeito, vai-se num movimento de diferenciação que não pertence nem à obra nem à subjetividade que lhe responde, tal como no lapso entre a ocorrência de um fato e as suas conseqüências práticas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Política

É a emergência que determina os antagonismos que ela irá produzir, que não necessariamente estarão nela contidos antecipadamente. Qualquer ação que traga a priori determinados os seus eixos de confrontação estará inscrita no conhecimento previamente dado, e não será emergência alguma. Quando se diz que a direita é capaz de se adaptar ao pensamento da esquerda, incorporando-as ao seu planejamento defensivo, esquece-se de pensar na insistência da esquerda em reafirmar os velhos termos do combate. Esse é o motivo principal da defasagem entre os grupos oficiais de representação política e as vibrações políticas reais.

Nada disso ocorre com a emergência, que determina os seus próprios antagonismos. Ela altera a percepção do real e reorienta os termos da ação e do pensamento, além da disposição dos afetos. Foi assim que o 11 de Setembro (uma ação cujo objetivo imediato era a conquista do direito ao exercício do ódio numa escala análoga à da violência creditada ao inimigo) transcendeu os liames da polarização EUA-terrorismo islâmico para produzir um movimento de autocrítica entre os americanos. Não consta que Michael Moore estivesse nos planos dos terroristas, mesmo que eles tão claramente tenham apostado na aura de culpabilidade dos EUA ao redor do mundo. A emergência provoca um tensionamento; ela redesenha a distribuição dos afetos e instaura uma nova rotina.

Se também a arte inaugura uma nova rotina, é porque também dela brotam antagonismos capazes de reorganizar o preexistente. Não foi Bob Dylan quem primeiro colocou em suspenso a música branca americana – não estilisticamente, mas sim politicamente? Estilisticamente branca, mas alheia a qualquer ethos branco recognoscível, a música de Dylan inaugurou um espaço político novo ao suspender as fronteiras entre os espaços sociais branco e negro (coisa que Elvis Presley ou James Brown não haviam feito) ao recriar a música popular como um



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

espaço crítico inédito, ao desestabilizar velhas fronteiras para impedir a construção de novas fronteiras: lembremos do seu concerto em Paris em que a multidão de crédulos na sua oposição à Guerra do Vietnã foi agredida por um Dylan que entrou no palco tremulando uma enorme bandeira americana...

Mas Dylan jamais se lançou como um “compositor político”, da maneira como esse qualificativo seria aplicado a Joan Baez. A sua presença, que carregava uma série de diferenciações quanto ao padrão consagrado (um não-cantor, com pretensões à grande poesia, caipira radicado no Village novaiorquino, de personalidade rebelde a qualquer rotulação; além disso: um grande performer, cuja presença física no palco e na imprensa era de um carisma mesclado a uma agressividade pulsante), foram todas essas diferenças que impeliram o público e a imprensa do início dos anos 60 a interpretá-lo politicamente – não o seu “programa”, mas sim a sua imagem e a sua atitude o politizavam.

História

A emergência ofusca o cronótopo do tempo histórico. Ela é aquilo que não pode ser previsto, ou então é o que se relaciona com o previsto de forma imprevista. Não é que nela expectativas sejam rompidas, pois ela simplesmente não reconhece expectativas: expectativas podem participar, mas nunca determinar aquilo que emerge.

Nesse sentido, a emergência-revolução é sempre um evento carregado de intenções, assim como de intensidades. Nada garante que a nova rotina formada terá algo a ver com as intenções revolucionárias (Robespierre se sucedendo a 1789, Stalin a 1917...), mas ela decerto advirá das intensidades liberadas no transcurso do evento. O julgamento quanto o sucesso ou fracasso de uma revolução decorre do diálogo entre as intensidades que ele libera em seu



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

transcorrer e as expectativas que essas mesmas intensidades acabam por implementar. “Sucesso” ou “fracasso” são juízos e, como tais, são heterogêneos ao movimento provocado pelo clamor ou pela energia revolucionária. Nesse sentido, Deleuze não é pessimista ao afirmar que todas as revoluções fracassam, pois, mesmo que as expectativas que elas despertam não sejam cumpridas, as intensidades ou o “caldo” revolucionário é, sim, capaz de transformar o tempo subsequente. É por isso que revoluções de fato (que se diferem das revoluções anunciadas) só podem ser percebidas à distância, numa temporalidade lenta – tipo de revolução que se percebe apenas após ela ter ocorrido, recebendo seu nome a posteriori. Durante as revoluções lentas nada parece estar mudando muito, são pequenas coisas aqui e ali, que vão se acomodando a novos parâmetros de normalidade que se estabelecem, porém, rapidamente, além de tácita e silenciosamente. O movimento só se tornará “fato” quando o lapso entre o modo anterior e o atual estiver visível o suficiente para ser objetivado – então, já morta, a emergência finalmente se tornará matéria para o entendimento.

Como é possível, assim, determinar automaticamente o que é ou revolucionário na prática? O juízo sobre a novidade e os seus tão propalados poderes (no campo da arte: a aparentemente inabalável subsistência da poética das vanguardas) não ignora a heterogeneidade e a imprevisibilidade do efeito?

Ética

Os piores inimigos da emergência são a opinião e o excesso de interpretação. Para Deleuze, a questão principal é: como relacionar-se com o dado de forma a não esmagá-lo sob o já-sabido?

A saída está na relação lenta, o deixar-se levar pela emergência. Estar “à altura do acontecimento” significa assumir-se como sujeito diante do



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

acontecimento apenas após ele, acontecimento, ter-nos constituído como sujeito – a subjetividade se constitui no dado, e não anteriormente a ele; o acontecimento forma a subjetividade que com ele se relaciona, e não o contrário. A subjetividade não preexiste ao dado, ela é um estado momentâneo constituído naquela relação específica. Deixar-se levar pela emergência significa dar-lhe o tempo necessário para que ela nos constitua como subjetividades capazes de com ela se relacionar – é, acima de tudo, permitir-lhe fazê-lo.

Isto não é muito diferente do que normalmente se vê? Nem bem as torres gêmeas tinham caído e os jornais já pululavam de explicações; assim como para cada obra literária recém-lançada, uma crítica será publicada. Não estamos perdendo o tempo e a importância da lentidão? Deleuze insiste que o juízo mata a emergência – mas o juízo é forte: o dever-ser, o dever-fazer, o inadequado, o quase-bom, a falha pontual, ou então: as razões, as origens, os motivos, as causas, as predições, os riscos...

Se em algum lugar Deleuze encontra Heidegger, é na imagem do pensamento que foge à temporalidade institucional, buscando um lugar paralelo. Na Floresta Negra, Heidegger encontrou o lugar adequado à produção de um pensamento que se dá o tempo – que confere a si o tempo necessário para a formação do pensamento na relação com aquilo que o atinge...

O.k., Floresta Negra – mas em qualquer lugar e momento as condições são possíveis, apesar de invariavelmente difíceis.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Being and event**. New York: Continuum, 2007.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- BUCHANAN, Ian. **Deleuzism. A metacommentary.** Durham: Duke University Press, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil platôs.** vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- EVE, Raymond A.; HORSFALL, Sara; LEE, Mary E. **Chaos, complexity and sociology myths, models and theories.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought.** New York, Perennial Classics, 2001.
- HOLLAND, John H. **Emergence. From chaos to order.** New York: Basic Books, 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futures past – on the semantics of historical time.** New York: Columbia University Press, 2004.
- LUHMANN, Niklas. **Social systems.** Stanford: Stanford University Press, 1995.
- MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- McDANIEL, R. R.; DRIEBE, D. J. **Uncertainty and surprise in complex systems – questions on working with the unexpected.** New York: Springer, 2005.